



Algemas de Algodão

Contos

Hélverson Baiano

“Ou tudo é natural, ou tudo é fantástico. É tão absurdo as mesas se levantarem sozinhas, como a luz que se acende em nossa cabeceira, ou o milagre de estarmos vivos, neste instante, pensando em tudo isso”.

Paulo Bomfim (1926),
O Colecionador de Minutos

PAVOR COR-DE-ROSA

Da primeira vez que apareceu, passou rapidamente pela cidade como que procurando testar a reação das pessoas. Muitos não quiseram acreditar no que viam, outros suspeitavam que fosse mais uma brincadeira engendrada pela turma do Zé de Gunda Mole. Havia, no entanto, os que demonstravam preocupação com aquilo que chamavam de "estrovenga".

Apareceu pela segunda vez e muita gente ali reparou que não tinha o calofo, uma espécie de terceiro braço, com mão e dedos, que saía pelas costas, acima da bunda, e era característico dos moradores do lugar, todos coloridamente azuis.

Muitos dos que não viram se apegaram aos ditos de São Tomé, de forma que o assunto tomou conta das conversas,

assustando uns, aumentando as dúvidas dos céticos e confirmando a incredulidade de alguns moradores. Ribibiu de Xiribuca levantou questão afirmando que já lera uma história parecida nos contos de Carmo Bernardes ou Bernardo Élis, não sabia ao certo. O assunto foi crescendo na boca do povo e com ele a preocupação da maioria, como manifestou Zulego de Zuza.

- E se ao invés de só se divertir, como tem feito, essa estrovenga se aboletar por aqui atrás "dos nossos que só nós?"

Ninguém havia pensado nisso e foram logo aos ouvidos da prefeita Xibanga Fiduma apresentar novos argumentos, que mostravam um pouco a agonia ou preocupação ou polvorosa ou desconfiança do povo. Xibanga Fiduma, autoridade que era, convocou o delegado Sifu Feladamãe e procuraram minimizar o caso, tranquilizando-os, garantindo que colocariam os guardas em alerta e, se fosse o caso, até mesmo com a ordem de atirar para espantar o primeiro cor-de-rosa que aparecesse com firulas. Era inadmissível para eles e todos dali a intromissão de um alienígena descolorificado, entrando e adentrando, entrando e penetrando. Que não se descuidassem!

- Não devemos nos dispersar -, dizia o Feladamãe.

Nunca passou pela cabeça de ninguém dali que no mundo pudesse existir pessoa de outra cor. A estranheza misturou-se à preocupação, principalmente porque no lugar que houvesse um, poderia muito bem aparecer outro e a coisa se complicar, virar uma

desgraça colorida que contaminasse as pessoas, como ocorreu no Brasil certa vez e em Goiânia no acidente com o material radioativo do Césio-137.

A situação ia tomando contornos de pavor, já que a cor-de-rosa não era simpática a ninguém da cidade. Eles a tinham como cor da indecência, característica de viados, bichas, homossexuais, gays, qualhiras, xibungos, baitolas, flozôs e outros bibelôs desse tipo, que eram também muito repudiados na sociedade.

No alvoroço formado, a solução encontrada por Xibanga e pelo delegado Sifu foi a de armar as pessoas mais dispostas para a possível perseguição ao primeiro sinal do disgramado do cor-de-rosa na cidade. A primeira vez ele apareceu na pracinha da rodoviária, fez alguns gestos ininteligíveis, andou dois ou três minutos por ali, muito apressadamente e parece que desconfiado, e sumiu no beco do Caga Osso, entre as casas de Pepé de Suca e de Socó de Anjo. Pareceu mesmo que procurava testar a reação das pessoas. O susto foi tamanho que ninguém teve adagem para reação qualquer. A segunda vez foi na rua entre a igreja e o cemitério, mas poucas pessoas o viram. Da terceira vez, o cor-de-rosa teve de se virar para não ser apanhado pela população. Muitos já estavam prevenidos e precavidos, por isso reagiram. Ninguém soube como ele sumiu dessa vez. O certo é que após tanta perseguição, correria por aqui e ali, pega não pega, o cor-de-rosa sumiu. A sorte dele foi a de não possuir o calofo, porque senão Ribibiu, com toda sua agilidade, o pegaria com certeza. Aquele sumiço repentino

encabulou a todos, dando vazão ao aparecimento do argumento de que era um ser do outro mundo, que podia ter sido deixado ali nas imediações da cidade por algum disco voador.

- Isso é gentes de disco avuadô -, argumentou Niquileto de Aroxa.

Já não podiam esconder, como fazem com essas coisas extraterrestres, porque todo mundo o tinha visto.

- Vamos pedir pra Vadu tirar um retrato dele -, disse Travestino de Souza, sujeito que não era lá muito macho nada e de quem se podia esperar de um tudo, ainda mais nessas coisas de cores-de-rosa.

Arremataram a questão com um definitivo "cada qual com seu cada qual".

- Oxe, onde já se viu isso? - resmungaram.

A situação ficou de um jeito que todos os dias, era praxe, a prefeita se reunia com os grupos de voluntários, acompanhada pelo delegado, para passar as instruções, refazer estratégias e acertar os detalhes para o caso de o disgramado aparecer novamente. Ficou caracterizado que era inadmissível aquela situação e que não poderia haver nenhum tipo de falha caso o amarelo aparecesse, porque o perigo de sua intromissão na terra dos azuis seria devastador. Atordoada, Xibanga acabou recolorindo o sujeito. Refez o erro, no entanto, porque estava-se patenteando para o povo azul o

que eles decidiram nomear de "Demasiada Esculhambação Cor-de-Rosa".

O negócio foi ficando tão preto, ou melhor, tão cor-de-rosa, que muitos dali começavam a ver o mundo com outros olhos, num daltonismo insustentável. Xibanga, por exemplo, já estava vendo cor-de-rosa por todos os lugares, atordoamento extensivo inclusive à Tradicional Família Azul, que exigiu providências enérgicas, mesmo porque ela era quem financiava sua campanha eleitoral. A TFA deixava patente a preocupação, inclusive para resguardar a masculinidade testoterônica, que cultivava com ardor.

O-O-O

Descontraído, olha quem aparece no dia seguinte! O dito cujo cor-de-rosa em carne e osso, ou sabe-se lá o que era aquilo, ali sorrateiro, passeando pela calçada do jardim da Praça da Matriz. E até falava. Falava ou cantava, não se sabe ao certo, apenas ouviam-se uns grunhidos meio musicais, totalmente indecifráveis. Parece que ele despreocupadamente não sabia do perigo que corria. As outras vezes que esteve por ali, principalmente na última, parece que não foram suficientes para ensiná-lo sobre o sentimento e o comportamento daquela gente. Era um ser bom demais ou vinha de um mundo muito bom, com valores diferentes, onde não existiam ódio, raiva, destempero e ojeriza. Ei, parece que agora cantava e

dançava. Decerto cantava mesmo, porque, indiferente ao corre-corre, ensaiava passos de dança, uma dança esquisita, muito diferente da dos azuis.

Era até bom estar dançando, para esquentar as canelas, pois quando olhou para trás, vixee, um turba com gritos, xingamentos e tiros o fez perceber que não era bem-vindo. Saindo da Rua do Sal, onde ficava a Prefeitura, e entrando na Praça de Cândio Cambu, vinha uma multidão cuspiendo fogo. Literalmente cuspiam fogo, liderada pela prefeita Xibanga, que pedia aos berros que o cercassem e o pegassem vivo ou morto, de preferência morto. O zumbido do fuzuê, das balas e do chumbo fez o cor-de-rosa perceber que não poderia esperar; negaceou, fez firulas, agora correndo, pulou sobre duas crianças que brincavam com bolas de gude e se mandou agachado pelo Beco do Cipó de Mula. Correu, correu muito até resolver pular o muro da casa por onde passava, e era a própria casa da prefeita. Xibanga espalhou os homens em grupos e os mandou fechar todas as entradas das ruas que saíam para a Praça da Matriz, assim como as saídas da cidade.

0-0-0

Deitada no sofá, Ximbinha abriu os olhos e, como num sonho, despertou encantada, envolvida pelos sussurros doces do cor-de-rosa, que lhe fazia as carícias mais gostosas que já sentira.

Sorrateiro e lépido, o forasteiro se afrouxou em enleios e a moça envolvida no êxtase daquele momento onírico e letárgico, entregava-se adormecida pela aura daquela voz brandiloquente e terna a sussurrar doçuras. Entregou-se ao sublime, ao bulinamento fugaz, ao fuque-fuque angelical, que descreveu depois como um prazer celestial. Era como se viajassem entre nuvens repletas de néctares divinos, numa profusão celeste de paraísos encantados.

O-O-O

Ele teria, agora, de enfrentar a realidade, queria até conversar com a prefeita e propor o que Ximbinha explicou ser paz, coisa e tal e tal e coisa. Depois de tudo aquilo, em que experimentou o pecado humano da delícia, não mais poderia sumir sorrateiro, como fez na terceira vez em que apareceu, perdera o encantamento. Começaria a ser exigido numa tal responsabilidade azul, que passou a conhecer e a sentir. Além disso, desenvolveu um sentimento de paixão colorida por Ximbinha, devidamente correspondida.

Ao sair para a rua, percebeu que era tarde demais, pois a milícia com malícia e sem comedimento o recebeu com uma profusão de tiros, apesar de estar portando uma bandeira branca dada a ele por Ximbinha, que fez questão que a levasse consigo para conseguir a trégua desejada por ambos. Ximbinha ficou

inconsolável e discutiu feio com sua mãe, a prefeita Xibanga, enquanto o povo comemorava, com um grande carnaval, a vitória sobre "aquele monstro", que nem mesmo foi enterrado, mas estraçalhado em praça pública e os pedaços chutados como bolas de futebol, um jogo que era a paixão do povo do lugar.

Xibanga tentou maneiras até indeclaráveis, aos moralistas como ela, para disfarçar a vergonha da família, mas Ximbinha mesma recusou todas elas veementemente. Ao cabo de nove meses, a princípio para desespero da prefeita, Ximbinha teve dez criancinhas, cinco homens e cinco mulheres, sendo quatro da cor do pai, três azuis e três lilazes, para aumentar ainda mais o desespero daquela gente. Apenas as três crianças azuis nasceram com o calofo.

O HOMEM QUE COMEU O TREM

Anfrísio Pimenta ficava ali de botuca, no quintal de casa, todo santo dia, esperando passar o trem das seis e meia. Depois ia trabalhar na fábrica de tecidos. Vezes havia em que esperava até a passagem de outros trens ... trens ... trens ... trens ... e perdia a hora. Entretia-se, gostava muito. Da janela da fábrica, espiava e espreitava os trens maneiros rumo ao infinito, se perdendo na distância, se encontrando com o horizonte, adentrando seu mundo como se carreassem sonhos e iam, iam e iam, iam.

Seu nome de rua era Pitoco do Trem e pegou também porque Anfrísio era de um conhecimento desapetecido do gosto popular. E bem que gostava do apelido. Só não se sentia totalmente realizado por nunca ter conseguido trabalhar na Linha, mesmo gestionando e apelando. Trabalhava esse sonho, o que lhe bastava

em lirismo e emoção. O trem passando dia após dia o contentava. Ficava arrepiado e extasiava-se na amizade que conseguiu dos maquinistas, o que lhe rendia acenos e gestos carinhosos quando o trem passava. A resposta saía cheia de agrado. Aos domingos, um passeio de trem, indispensável, para aproximar-se da plenitude, unir-se ao sonho.

Dona Emericiana vivia embotucada com a destinação do marido, se sentindo das mais abandonadas.

- Cê num dá ligança mais pra mim, Pitoco!

Ele não respondia, sabendo que a mulher queria tocar outra vez no assunto. Bastavam já as discussões havidas e asseverava que não se descuidava nem da casa nem da mulher. Ela que entendesse, ora bolas! Quando foi pra casar, esse assunto num botou empecilho.

- O café, Pitoco! – gritava da cozinha.

Ele saía para a fábrica, esquecendo o desjejum. Espreitava em esperas a passagem do trem. Outras vezes, tomava o café no quintal, alimentando seu deleite matinal.

x X x

Deu de ficar acabrunhado com as últimas notícias do lugar, causando ainda mais preocupações a Dona Emericiana, que tentou formas alternativas de convencimento e nada. Nada dava volta na

tristeza do homem. Ela tentava e a resposta era monossilábica, um murmúrio.

- Come, home de Deus! – implorava.

- Unnnhhnn.

Pitoco foi emagrecendo, nas poucas carnes que tinha. A estrada estava perto de ser inaugurada. No dia da inauguração, o último trem partiu, com comitiva de autoridade e foguetório. Ele pegou a lambedeira, botou-a na cintura, e foi para o quintal, cedinho ainda, ao som dos fogos de artifício da festa do prefeito e dos outros, que faziam a última viagem no trem, como parte das comemorações.

- Pra que essa faca, home de Deus? – indagou sua mulher.

- Nada. Eles vão ver!

Enquanto o trem se aproximava, Pitoco desceu para os trilhos, afligindo a comitiva, que gritava desesperada. O trem seguia mesmo assim e se aproximava e era enorme, muito grande a cada instante. Pitoco foi ao seu encontro, caminhando resolutamente e abrindo a boca. Andava e mais abria a boca, sempre mais, muito mais e mais ainda e baranhannhannn.

- O café, Pitoco! – da cozinha, gritou Dona Emericiana.

Com ele ficou a certeza de que comeria o trem e - / "cá pra nós, bem baixinho"/, - as autoridades também.

O QUE É QUE A BANANA TEM?

O desejo de Míster Fortes era ser todinho uma bananeira. Todos ali ficavam encabulados com isso e não se satisfaziam apenas com o dito de que “toda livuzia tinha sua mania”. A cidade comportaria tranquilamente esse tresvariamento, se Míster Fortes não fosse à TV anunciar seu desejo inusitado. Os pais de família se preocupavam, não sabiam ao certo, com essa mania anunciada, se continuaria ou não o regime atualmente cultivado por todos, que dizia ser a virgindade essencial e fundamental para um bom casamento. Ainda mais que começavam, subversivamente e à sorrelfa, é claro, por uns insuspeitos “comunas bananistas”, as discussões para a retirada, do Código Servil da Banana, do artigo que defendia o marido caso ele constatasse, até dois meses após o casamento, que sua mulher “já era”, conforme designava

literalmente o artigo 3º , parágrafo II, do Código, o que para os mais gaiatos significava dizer que ela “estava embananada”.

Era costume entre os homens lavar a honra não com chifres pontiagudos e escarnecedores, mas com a água limpa de dois rios, para refrescar a cabeça e lustrar a pontas. O corno perdia prestígio e era motivo para chacotas. Só era socialmente reconsiderado após arrancar a bananeira nupcial dela e enterrar no lugar os bagos de um boi curraleiro, bem chifrudo, ainda virgem.

As mulheres, como a de Míster Fortes, Danda Fraca Fortes, tinham de manter indubitável fidelidade à sua bananeira, sob pena de ficarem presas durante o período menstrual na Cadeia Pública dos Dias Vermelhos, tendo de assistir, religiosa e bananeiramente, todos os dias, durante cinco horas, às pregações dos pastores bananas da Igreja do Evangelho Sextangular. A essa fidelidade denominavam de “sina bananeira” e todos já nasciam com ela, era como um pecado original. Só que aos homens a pena pelo desfrute com a carne proibida era branda. Assim mesmo, até aquele momento, praticamente não se ouviu falar de punição ao do sexo masculino, a não ser quando, por um distúrbio qualquer, aparecia algum legalista babaca querendo consertar o que não tinha mais jeito.

Para cada filho que nascia, os pais eram obrigados a plantar uma bananeira, em solenidade com banda de música e tudo mais. Também os noivos, antes das núpcias, plantavam cada qual sua bananeira. Tido com intelectual do mais alto gabarito e

conhecimento, Míster Fortes era respeitadíssimo pelos representantes políticos do sistema. Acreditavam ser o único capaz de desenvolver a “Tese Bananeira”, que no fundo defendia a continuidade de todos os conceitos e preconceitos, como quando reafirmava o poeta dizendo em um dos intertítulos: “Cada macaco na sua bananeira/ Chô chuá...”

Míster Fortes não era subversivo. Já o provara a milhares e melhores. Tinha idéias. “Mas idéias todos temos”, filosofava. O maior complicador da situação social era o de que ele nunca explicitava com clareza sua tese bananeira e daí sobrevinham as dúvidas, deixando embananada a elite constituída. Ficava num “chove não molha” de entediar qualquer vivente. Como era intelectual, e conseqüentemente autoridade, quando aludia a algum ponto da tese em público, necessário e até imprescindível se tornava o aplauso, mesmo se ninguém quisesse ou até se discordasse e o achasse o maior embromador do lugar.

Os grupos feministas ameaçaram uma reação, indo para a televisão. Sem encontrar respaldo, não souberam esclarecer um ponto de vista contrário e que convencesse. Por via de inexperiência e ingenuidade, uma delas, que antes havia rasgado e queimado o sutiã em praça pública e fugido por causa da lei e da repercussão, no meio do programa ameaçou com a possível invasão de todas as plantações de bananas da região. Orientação assaz insubordinada e muito mais embananada, rebatida veementemente

pelas colegas ali presentes, dando clara demonstração de insegurança. Foi motivo de orgia para os homens.

O rebate intempestivo intrigou Míster Fortes, que passou a escrever com mais autoridade ainda sua “Tese Bananeira”, tendo para ele o mesmo significado de “Memórias”, pela intimidade com o assunto e também porque a considerava da máxima importância aos estudos das gerações futuras, para fortalecer as tradições e para deleite próprio.

Danda implicou com o tópico onde afirmava que as mulheres podiam, teoricamente, ter os mesmos direitos do homem, caso conseguissem atingir com facilidade o orgasmo bipolar trifásico, “uma coisa de louco”, que aos homens era comum, em função justamente da liberalidade inerente ao macho e de uma maior afinidade com a libido bananeira.

Quando adolescentes, os meninos eram iniciados na vida sexual usando os troncos das bananeiras. Aos 15 anos, em uma cerimônia denominada “estrujeição”, os iniciados iam, à tardinha, com uns amigos mais velhos, os iniciadores, ao Largo da Onanibanana, do outro lado do rio, onde havia caules em abundância da *Musa paradisiaca* e a dança de muitas bundas das lavadeiras que sovavam roupas encardidas e, de pernas abertas e saias levantadas, deixavam à mostra o alimento da libidinagem adolescente. Furavam uma cavidade a contento e enfiavam o prazer. Regozijavam-se com os olhos, o pensamento e o doce pecado contra a castidade e a favor dos mistérios gozosos.

Em um dos parágrafos que se conseguiu sugar da tese, Míster Fortes dizia que a função bananeira, implícita hoje em dia principalmente nos relacionamentos sexuais, estava intimamente ligada à psiquê, determinando, assim, o comportamento social. Ele inseriu também o que não se cansava de afirmar: “Todos somos parte gente, parte bananeira” e que o instinto, acentuadamente o sexual, selava fraternal ligação à nossa parte bananeira. Um detalhe que chamava atenção dizia que os órgãos sexuais masculino e feminino eram feitos à semelhança de bananas, frutas das bananeiras. O masculino com uma protuberância e, o feminino, com cavidade interna, como uma casca sem banana.

Quando anunciou pela televisão seu desejo de ser todinho uma bananeira, Fortes não deixou bem clara ao público essa questão, porque estava na fase inicial da formulação da tese. Por isso, também, as indagações e polêmicas levantadas pelas feministas e por diversos pais de família. Estes, achando que o Governo devia censurar programas assim, que serviam apenas para provocar insegurança e ferir a moral da Tradicional Família Bananeira.

Preocupado com o desenvolvimento de seu bananal, Míster Fortes tratou de adubar a plantação que tinha na chácara. Por ironia agrícola, as bananeiras passaram a produzir umas frutas esquisitas, mais tarde reconhecidas como laranjas-da-terra.

Ficou assustadíssimo quando percebeu a estranha ocorrência. Imaginou que, pelo envolvimento com a questão,

pudesse estar ocorrendo algo de errado com sua sexualidade. No entanto, nada percebia de anormal e, para assegurar-se da condição de macho, passou a utilizar novos conceitos na tese, o que, na certa, embananou mais o meio de campo. Talvez até conseguisse reafirmar a macheza, mas sua vida em casa e na sociedade decerto não seria a mesma dali em diante. Quem sabe aquilo tudo ocorria para colocar em questão a sexualidade advinda da bananeira, conforme expunha a tese na linha seguida por ele até ali, como que renunciando a necessidade de mudanças? Abarrotou-se de dúvidas.

Abilolado e sem encontrar explicação plausível, saiu perambulando em busca de um pouco de paz e de alívio para, pelo menos, desanuviar a cachola.

- Ave, ou estou tresvariado ou o mundo está virado -, disse para si.

Intrigou-se. Sim, todas as pessoas estavam de cabeça para baixo, plantando bananeira.

Míster Fortes sempre achou que a loucura aparecia como um processo e não tão de repente. Ouviu na rua, sem querer, dois amigos cochichando sobre ele, dizendo que os frutos da bananeira seriam o prenúncio desse processo, uma de suas etapas iniciais.

“Não, não e não”, inquietou-se. Precisava descobrir, com urgência, o que acontecia para que tudo fosse tão exótico.

Quando criança, ouvira do avô paterno que algo semelhante ocorrera com o bisavô Epitáfio Fortes, que teve sobressaltos horríveis e um final muito, mas muito triste. Chegou a perpetrar a formação de um exército bananicida, tirado única e exclusivamente de sua imaginação, para arrasar as plantações locais. Por não lograr êxito na idéia estapafúrdia, já que a população saiu armada em defesa, comeu inúmeras dúzias de bananas e suicidou-se por empanzinamento.

Aos poucos e com muito exercício mental, Míster Fortes percebeu que nada era assim tão esdrúxulo e passou a conviver naturalmente com as pessoas de cabeça para baixo e as bananeiras que davam laranjas-da-terra, como ocorria agora com todas as que foram plantadas em sua chácara. Na tese, chegou à conclusão de que a inferioridade feminina, tão apregoada pela sociedade, reinava paralelamente ligada à questão bananeira. Essa situação fazia os ricos cada vez mais ricos e os pobres muito mais pobres, conforme comprovou mais tarde quando reuniu em praça pública todas as mulheres do Cabaré Martinica em um colóquio libidinoso e amoral, para mostrar à sociedade, na prática, o que tentava explicar em tese.

Foi um horror! As autoridades o prenderam e o condenaram a ficar dependurado de cabeça para baixo no meio da rua. Aos poucos recobrou a lucidez e se desculpou pelo que lhe contaram que havia feito. Quando o retiraram do castigo, que homem ali tinha certos direitos, novamente virou um “zetelo” e foi aquele “buzufu” com as mulheres na praça. O homem se desvirou

numa “indroma”, para desespero de todos. Por isso, foi condenado a viver plantando bananeira e não falou com mais ninguém, o que nos impediu de saber o que de específico, exótico e recôndito a banana tem.

CONSTRUTOR DE SONHOS

Entorpecido, Júlio percorria mais e mais caminhos, numa viagem sôfrega, conversando alhures, obstinado a se encontrar com a lua. Tinha o corpo bêbado de cachaça diversa e poesia pura, talvez por isso percebia que expurgava toda embriaguez escondida durante a vida toda, desde quando conheceu labuta e afazeres, fuzuês e o amor. E a lua ali tão perto, tão bela, querendo engoli-lo. Todos os poetas guardam escondidinho um desejo esdrúxulo de algum dia extrapolar papel e palavras, indo além e ao além, engolir luas, coisas assim e assadas.

Júlio queria se encontrar com a lua cheia, exorbitante e quem sabe comer um pedaço dela com a maior sofreguidão possível de apaixonado, assim como quem de forma inocente come o magnífico brilho de um material radioativo. De uns tempos para cá, começou a viver assim como se a lua lhe fosse resolver os

incontáveis tropeços passionais e existenciais. Na rua, o consideravam um "aluado inveterado", mas ele se conhecia um recôndito parceiro dos que cultivam sentimentos fortes e que se digladiam em lapidar fantasias.

Por isso, Júlio se mudou para o mundo da lua. Depois de beber muito e se embriagar de desejos, encontrou-a cheia, estupenda e, naquela noite, se aproximando.

"Venha inebriante poesia e eu sou um embriagado em devaneios e depauperado pelos escândalos do sonho!" Solicitava, pensativo, ao tempo que se embarafustava nas difusas e indissociáveis fantasias que por vários motivos a realidade lhe subtraía.

Andava como "alguém que anda por aí". Em seu trono de descompassos, construía sóbria e milimetricamente um caminho ao som alucinante do Bolero de Ravel, enquanto passos se aproximavam na alegria do repicar dos tambores.

Júlio seguia abraçado ao seu destino, no regozijo de estar realizando um sonho sobejamente desejado. Flutuava como quem divinamente sobe aos céus, enquanto a voz dos passos o atropelava, como que querendo acordá-lo daquele torpor celeste:

- Ave, Júlio, construtor de sonhos!

Ele quis responder, quando começou a ver, meio desfigurado, o vídeo tape do que fora aquela construção a que se referia agora quem estava a seu lado.

Para ele, o amor era tudo, quando se apaixonou por Maria, aquela singeleza pura, uma meiguice de santa. Naquele tempo vivia o amor inocente e doce, sabia com a mais sóbria razão o que era uma paixão, viveu intensamente, até o dia em que tudo acabou.

Passava agora por onde conhecera Cecília. "Ah, Cecília! O que você possuía de tão igual que a diferenciava das outras?", pensava, enquanto balbuciava:

- Sonhos não combinam com solidão.

Onde deixou o último gole começou a construir novos sonhos, que se esmeravam em distinguir uma felicidade inexorável, coisa mesmo de outro planeta, onde todos muito felizes não precisariam de mais nada, nem mesmo dos sonhos. "O que seria de um mundo assim onde inexistissem as elucubrações do inefável?", vociferava ao seu interlocutor, que sutilmente concordava que seria realmente um mundo inútil, insosso, como um osso duro de roer.

- Então, o que o faz percorrer todo esse caminho, se acaba de desfazer esse mundo?

- Sei que não há felicidade sem busca e nem caminho sem espinho. O que procuro não está onde posso encontrar.

Era longa a estrada, sem descanso, sem trégua. Procurar, procurou como mister de todos. Mas para alguns, como Júlio, a estrada se constituía na síntese da mais árdua provação, como se nada fosse a certeza de tudo.

Um batalhão de anjos lutava atrás dele. Vinham os bons e os maus ao seu encalço, bradando aos quatro ventos loas e laivos. Lutavam, disputando ferrenhamente quem ficaria com Júlio, assim que ele fosse engolido pela lua.

Aquela viagem era uma via-crúcis de sonhos e prazeres. Revivia a alegria de criança ganhando a bicicleta, presente da tia rica. Agora podia brincar à vontade, tomar banho de rio e fazer o que mais gostava, andar por andar, sem rumo, tão somente pelo prazer, bicicleteando pedal e pedal e zinindo pelos caminhos estreitos à procura de um "não sei quê" de nada que para ele era tudo.

Andar construindo delícias, todas aquelas ainda não vividas, quando se submetia aos auspícios de uma realidade construída a ferro e fogo.

Os anjos, inocentes e por isso até certo ponto inconstantes, cada vez mais se aproximavam, fazendo um estardalhaço danado e por um momento atrapalharam sua concentração. Lutavam celestial e diabolicamente entre si naqueles ermos semi-escuros, voando uns sobre os outros e dando a Júlio a certeza de que era impelido, sorradeira e musicalmente, para um abismo de céus. Entregou-se exausto aos espectros daquele esplendor, embalado pelo rufar musical de uma sinfonia angelical.

A tartaruga, sua interlocutora, companheira de tantas jornadas, assustou-se quando começou a ficar para trás, vendo Júlio

subindo e se distanciando. Subia e subia, subia celestialmente carregado, levitando num torpor, ao som da música que sublimava o universo. Subia com o inefável sentimento da poesia que se sobrepõe às palavras, para atingir em cheio o desejo mais inusitado. Subia levando o amor imenso que sentia, na esperança de poder jogá-lo de cima como confetes distribuídos às pessoas todas nas noites mais devassas dos carnavais.

Era tudo o que mais desejava: ser levado aos céus para brindar com a lua, brincar com ela e senti-la no seu mais áureo esplendor. Os anjos o levavam como se leva uma criança ao parque e Júlio até cantava de tanta alegria e descomunal contentamento. Ele ia como quem vai ao paraíso sorver o néctar do mais divino prazer. Os anjos que o levavam pareciam contentes, mesmo porque anjos são feitos para defender as pessoas e ajudá-las a construir seus sonhos.

Como eram anjos novos e inexperientes, que nunca tinham levado alguém antes, a certa altura, quando Júlio já dava como praticamente certa a realização do sonho, eles, cansados, de repente o deixaram cair. E Júlio foi caindo, caindo... caindo...

DEPOIMENTO

- Pai.
- Antônio Pereira dos Santos.
- Mãe.
- Salustiana de Jesus e Santos.
- Naturalidade.
- Fazenda Embocadura, Município de Uauá. Bahia.
- Idade.
- 23 anos.
- Tem profissão?
- Tem não.

Fichado na Vadiagem: 12 ocorrências. Homicídios: cinco na capital, um no interior e mais oito tentativas. Furtos e Roubos: cinco furtos e seis roubos. Estelionato: quatro. Preso três vezes, em todas elas fugiu, sendo uma das fugas comprada. Um flagrante de assalto à mão-armada.

- Casado?
- Amigado.
- Filhos?
- Três.

DIA 05

- Não quis contar nada sobre o caso, delegado. Tentamos todos os meios possíveis e nada.

- Usem os nossos métodos de costume.

- Sendo assim...

O agente Telúrio saiu com a turma para o galpão, levando Baianinho. Pouco se sabia com exatidão sobre aquele caso, havia apenas suspeitas do envolvimento da gang do Baianinho, suspeitas essas levantadas no meio político e divulgadas amplamente pela imprensa. O deputado Adevaldo Saraiva procurou de todas as formas encontrar os sequestradores e assassinos do seu filho, crime horrendo e que abalou a sociedade, pela crueldade com que foi cometido. Havia, sim, a briga política, mas não as provas que pudessem incriminar algum político da situação, apesar de superficialmente algumas pessoas ligadas ao deputado Adevaldo terem levantado a suspeita, pois que nem resgate quiseram. As pistas eram mínimas, ou seja, um crime quase perfeito. A prisão do Baianinho era tida por muitos como o fio da meada para a solução desse crime.

NA ASSEMBLÉIA

- Com a palavra o deputado Jacinto Cerca, líder da oposição.

- Senhor presidente e nobres colegas. É de se estranhar que só agora, passadas duas semanas do crime do filho do nosso colega Adevaldo Saraiva, o Governador tenha determinado rigidez da polícia no tratamento do caso. Essa apatia prejudicou o andamento das investigações, o que tem dado margem a inúmeras interpretações, inclusive políticas, que nós não descartamos, porque as denúncias feitas pelo deputado Adevaldo têm atingido substancialmente a situação e ajudado a oposição.

Em seguida, o líder do governo, deputado Tramamando Aleixo, contestou veementemente as insinuações do deputado Jacinto, mostrando a burrice política que seria da parte da situação uma atitude daquela.

NO ESCONDERIJO

Fininho marcou uma reunião da turma. Soube das sessões de tortura e por isso precisavam tomar providências.

- Temos que sair daqui depressa. Vou com Paulão para o alojamento dois, na Vila Brasília. A atividade toda será a partir de lá. Dedinho e Cabo Verde vão para o Jardim Novo Mundo e controlam o setor três. Negão e Elpídio Mão-de-Seda, para o setor quatro, na Vila Santa Helena. Os contatos na cadeia já foram feitos e o Carlão ficou de passar as informações até as 4 horas da tarde. O ponto também já foi combinado e o informante é o sargento Brasa, do 5º DP, um dos nossos. O dinheiro já foi acertado. Não

precisamos nos preocupar com o pagamento dos soldados, mas não devemos demorar. Mãos à obra.

Com os culhões amarrados a fios elétricos e a gambiarra se estendendo por todo o corpo, Baianinho já havia resistido a duas horas de choques, com aumentos gradativos da corrente. Agora era levado para o tanque.

- Conta seu viado, foi você quem sequestrou e matou o filho do deputado?

- Não. Não. Nãããããooooo. Aaaaaaaiiiiiii.
Glup.....nãglup.....

- Afoga, desgraçado. Morre, fidumaégua. Diz que foi você, porra.

- Nãããããããõoo.....Glup.....glup.....aaaaaaiii.....nãããog
lup....

- Baianinho foi retirado às pressas dali e levado à sala de reabilitação, sem sentido.

- Quase o matamos, chefe, mas o homem não abriu o bico.
Outras recomendações?

Puto da vida, o delegado brandiu:

- Vocês são um bando de incompetentes.

- Só se for pra matar o homem, delegado.

- Matar seu cu, porra.
- Mas delegado, ele não aguenta.
- Deixa morrer esse viado. Não, morrer não, porra. Depois a desgraça só cai sobre o sacana aqui. Vamos ter que usar outros métodos, a cobrança está grande.

- Se o Senhor quiser tentar...

- Deixa que mais tarde eu resolvo isso.

DIA 06

Duas horas da manhã e o carro do deputado Carlos Magno, da situação, pára em frente ao número 132 da Rua L-36, no Bairro Feliz. Após o sinal de luz, vindo de dentro da casa, o deputado mais os três acompanhantes descem e entram.

- E agora, o que devo fazer, se o desgraçado não abre o jogo? – O delegado perguntou ao deputado.

- Propina, meu caro, muito fácil.

- E o dinheiro?

- Está todo aqui.

- E a imprensa?

- Aí é por sua conta. Você sabe como agir, ela tá cheia de gente nossa. Precisa trabalho melhor do que este? Vamos embora e sem mais conversa, senão isso aqui ainda pode dar errado.

DIA 07

Os jornais estampam as manchetes: “BAIANINHO CONFESSA TER MATADO O FILHO DO DEPUTADO” ; “BAIANINHO DIZ QUE MATOU” ; “BAIANINHO DIZ COMO E PORQUE MATOU O FILHO DO DEPUTADO ADEVALDO”.

NA ASSEMBLÉIA

- Com a palavra o deputado Carlos Magno, da bancada da situação.

- Senhor presidente e nobres colegas. A verdade foi hoje estampada no rosto do povo, enterrando as más línguas desses semeadores da discórdia. Está mais que provado que nós da situação sempre nos primamos pela verdade, pela seriedade. Choramos, como o deputado Adevaldo Saraiva, o desespero de sua família, mas os exumadores de desgraças quiseram nos comprometer. Hoje, os culpados aparecem, porque a verdade tarda, mas nunca falha, para salvar a honra dos que a cultuam... Obrigado.

NOVA REUNIÃO

- Que diabo aconteceu, Fininho?

- Propina, meu caro. Negócios, mas vai dar tudo certo. O sargento Braza me informou de como foi feito o serviço. Baianinho vai passar toda a muamba, que vai ser empregada na compra de mais armas e droga. Tem muita gente boa querendo esse material.

- Mas ele vai continuar preso?

- As instruções são de sumir todo mundo por uns tempos, entendido?

MÊS E MEIO DEPOIS

Os jornais: “BAIANINHO MORTO AO TENTAR FUGIR”; “BAIANINHO: MORTE NA FUGA”; “BAIANINHO TENTOU FUGIR E MORREU”; “Josemiro Pereira dos Santos, vulgo Baianinho, autor dos bárbaros sequestro e assassinato do filho do deputado Adevaldo Saraiva, da oposição, foi morto ontem por policiais do 5º DP, com oito tiros, quando tentava saltar o muro...”

NAS ASAS ONÍRICAS DO PÁSSARO PRAZER

Jurava por todos os Santos, apesar de divinamente cético, que nunca arrotaria, contra quem quer que fosse, grandeza alguma de sua parte. Bem sabia o que custava em humildade o esforço de sobreviver, num bate e rebate entre eternidade e promiscuidade. Naquele dia, não aguentou os carinhos dela, ainda mais porque tentava se concentrar para escrever. Estavam na parte mais alta do coreto da praça principal da cidade, chamando a atenção de todos por ali. Ela o puxava, roçando, deslizando, insinuando, ali nuazinha assim ao dispor. "Porra, pare um pouco, só até eu terminar esse pensamento aqui". Ele escrevia um trabalho sobre Relações Públicas, abordando os prazeres expressos na relação sexual dos pássaros, que ocupavam aquela praça para as maiores volúpias da carne e das penas.

Ela não queria deixar dúvidas, dando a ele a oportunidade de experimentos práticos para seus estudos. "As idéias mais fantásticas, bem, estão no prazer", tentou explicar, chamando-o de bem, o bem que fazia ao tentar pôr em prática a argumentação da supra onisciente função cósmica do orgasmo. No seu entender - rapidamente, porque aqui desviou um pouco o pensamento para prestar atenção - essa transcendência, explicitada com detalhes na teoria do conhecidíssimo marxista cearense Yosef Pierre Severiano da Silva, onírica até certo ponto, firmava-se na função fisiológica, misturando filologia com geometria, e desaguava em qualquer coisa muito prática na relação libidinoxoxo.com.ta.

De repente, imaginou uma porção de coisas, despudoradas, filhas do pecado, por isso mesmo muito gostosas. Teve vontade de comer maçã. Quando criança, sempre aparecia essa vontade nas vezes em que falavam para escolher a coisa mais gostosa do mundo, que pudesse se transformar e se multiplicar em profusões prazerosas. Revivia o paraíso de Adão e Eva. Comer maçã, para ele, naquele momento, era o mesmo que usufruir dos santos prazeres, algo assim como comer nuvens. "Como gosto de maçã", suspirou. A esse meneio de lábios, voz quase não havia, ela prontamente atendeu, depois de descer e comprar, fiado, uma maçã, passar pelo burburinho como se nada houvesse e perfumá-lo com uma essência que explicou ao pé do ouvido ser necessária para espantar as possíveis polêmicas e controvérsias e contratempos, que volta e meia acontecem, e ainda os desencontros, muito raros, além de fragar o amor. "Porrinha, maneira!" Era seu costume dizer "porra",

quando ficava tenso e preocupado. Já com esse "porrinha", no entanto, se manifestou carinhoso. O povo, lá embaixo, entretanto, fazia o maior alvoroço, com palavrões, insinuações, condenações e aplausos.

Não havia polícia nessa estória, ainda bem!

No trabalho que fazia, explicitava e aplaudia a coerência das aves, ressaltando a liberdade do amor sem fronteiras, onde o encontro dos sexos resplandecia um fulgor transcendental, uma simplicidade delirante e uma apaixonante confusão libidinosa. Procurava relacionar a sexualidade emplumada com a dos seres humanos. Ela queria ajudá-lo e, percebendo sua intenção, enroscava-se ali nua, para o delírio da platéia masculina. Ele, no entanto, procurava se concentrar e escrevia:

"As cortinas que encobrem a visão dos homens foram criadas por eles, para martírio ou mitificação da beleza e das delícias provocadas pela liberdade. Isso impede a plenitude da entrega e da doação. Essa, uma diferença fundamental entre homem e pássaro".

- Êpa!

Ela o pegou de surpresa e beijou seu ouvido, deixando-o todo arrepiado. Aquilo dispersou sua atenção. Olhou para ela meio assustado. Fez uma cara moleca e doce, insinuando. Buscou naquele momento um pensamento que leu semana passada no Almanaque Fontoura: "A humildade é prerrogativa dos bons e deve

ser conservada e o amor cativado. Recomendável o arroz com feijão, o costumeiro, o simples, que não engorda e faz crescer, sem desprezar no entanto a volta e meia do pudim, do pavê e da ambrosia, que engorda e dá prazer.

Ela bateu asas, arrepiou-se toda quando o ouviu falar da sobremesa e do prazer que ela dá. Ele perguntou se ela não temia o martírio e a moral.

Dela discorreu sobre a moral burguesa e os meandros e melindres do moralismo arcaico que dita regras e monta padrões, onde pode mais quem burla com maestria. Invocou, para concluir adequadamente, as explicações do capítulo três do livro “As Fases da Antitemática Cíclica do Onirismo”, ainda inédito, de um grande poeta goiano, nascido em Guapó, que preferiu não dizer o nome, para evitar contratempos.

Ele titubeava entre o querer e as restrições impingidas de pudor e medo.

Ela já andava por todo seu corpo, como formiga no mel. Ele, titubeante, duvidou, quis se apegar à razão, ao consciente, vislumbrou todas as teses do moralismo, mas foi vencido pelo compromisso que tinha com seu trabalho. Ela insistia com tanta doçura, tanta leveza e maciez, que ele foi se descontrolando e ela se enroscando nele, grudando, se apegando, se apegan... se ape... se a ... até que bateu asas e voou.

COISA DE LOUCO

- Agora são exatamente cinco e trinta da manhã -, anuncia em ondas curtas o dono da voz de ouro do sertão, Valfrido Valfredo, observando a hora daquele cafezinho gostoso, com biscoito frito e cuscuz.

HORA DOS RECADOS - aparece em play back a legenda da rádio:

- Alô Dona Maricota de João Berredo, na Fazenda Tamarana, município de São José da Lage, Estado de Alagoas. Maria de Seo Né avisa que seu filho, Arlindo Lelé, recebeu alta do Sanatório Bom Pastor e está sem um tostão para a viagem de volta. Pede que envie o dinheiro da passagem, pois ele está 'louquinho' pra abraçar todos daí. Pede também para enviar lembranças a Nem

de Baia, Raimunda Raposa, Maria de Fulô Aranha e pros meninos
de compadre Nego Tota.

VIVENDO PELA HORA DA MORTE

Anteontem, após conturbada reunião zentranscendental, Isadora, num acesso de surpreendente aturdimiento, que posteriormente chegou a ser confundido com lucidez, enfiou despudoradamente um espeto no ventre, ao mesmo tempo que se desatou em risos frenéticos, enquanto admirava os jorros vermelhos. Antes de morrer, produziu alguns garranchos com o sangue.

Por ocasião do suicídio de Antônio Cândido Martírio, seu marido, soube-se então que aquele era o nome do filho que ambos desejaram tanto. Não escapou viv'alma naquela família pioneira no destemor suicida. O lugar foi tomado por um tempo de uma exuberante agonia, dando muito trabalho a todos, especialmente aos coveiros e fabricantes de caixões.

O enterro de Isadora teve acompanhamento da banda de música, assim como os 28 enterros dos suicidas seguintes, até que os dali, da cidade de Suisse Da Mata D'Ouro, ficaram impossibilitados dessa cerimônia, porque três dos sete músicos da banda resolveram também se suicidar. O primeiro tocou a noite toda, tentando uma instrumental asfixia. Mas como as mortes eram de sangue, às 6 horas ele enfiou uma tesoura no peito esquerdo ao som de uma fúnebre sinfonia que ressuscitou inconscientemente. Enquanto tocava a “Vermelha Celeste”, o sangue esguinchava. O segundo foi encontrado com uma corda no pescoço, abraçado ao seu piston e, para não fugir a regra, tinha um punhal enfiado no umbigo. O terceiro, tocador de tuba, amarrou o instrumento no pescoço, cortou os pulsos para ver vermelha a água do remanso do Rio das Mortes, onde se jogou.

O tempo dos suicídios tomou conta de tudo e de todos no lugar, até a poesia morria de se matar. O primeiro poeta morreu três meses após o suicídio de Isadora, assim que publicou sua obra-prima intitulada “Suicidou-se”. Esse poema seria recitado, futuramente, na celebração da missa de sétimo dia do suicídio do prefeito de Suisse Da Mata D'Ouro, Alpiniano Funebrino Fontes. Várias vezes hesitante, Funebrino Fontes sofreu um colapso administrativo, cortou os órgãos genitais, depois de uma alentadora ereção, jogou-os no vaso e puxou a descarga.

O vice-prefeito aplaudiu lá consigo o gesto do titular, sem demonstrar publicamente, no entanto. Arrumou enterro chique e condoeu-se, apesar de já ter se tornado adversário dos que

adotavam aquela prática considerada por ele e seus correligionários como “fúnebre”, mas que ia ganhando força política e que tinha no prefeito, como ele mesmo demonstrou na prática, um dos seus mais legítimos defensores.

A administração do vice-prefeito entrou em decadência pela constância das mortes e também pela impossibilidade de contorná-las. Suicidar-se ia se tornando um ato de bravura para a maioria da população e o que num primeiro momento pudesse ser considerada uma atitude torpe, brusca e impensada, em seguida tornou-se uma forma corriqueira, e por muitos distinguida, de encarar a vida e a morte. Isso amenizava os problemas administrativos e sociais. Chegou-se a pensar na determinação dos destinos celestes, incentivadores do bem e eternizadores a proficiência.

A questão dos destinos somente foi resolvida depois do suicídio do vigário da Paróquia. A comunidade cristã passou então a acreditar nos desígnios da natureza.

A morte do sacristão solitário, suicidando-se, reacendeu em todos os moradores a harmonia da solidão, a esperança da inexistência e a alegria do ato de morrer.

Após três anos, o primeiro dia sem suicídio causou uma surpresa inusitada e indagações à população da cidade, já acostumada à constância daquele ato, considerado pela imprensa local como “significativo”. Uma alegria amarela era notada no semblante do povo, temeroso de aquilo ser o prenúncio do fim dos

tempos de morte, onde o bordão predileto era o de que tudo ali estava pela hora da morte.

O vice-prefeito, dissimulando, marcou então uma reunião urgente no salão paroquial para o dia seguinte. Na reunião, como em todas elas, cansado de ouvir potoca, o homossexual Didô Cara de Asa da Silva, armou-se com uma gilete e uma navalha e começou a se cortar no rosto, no peito, depois se despiu e cortou, inclusive, o “pingulim”. A primeira reação dos presentes foi o aplauso, até que Mortídio Putrefacto se lembrou, de forma imbecil, e foi vaiado, da necessidade dos socorros e o levou para o Hospital das Fraquezas, onde era ministrado todo tipo de tratamento, desde o físico ao espiritual, pelo único médico do lugar, doutor Tititi Dói Franchico Lourenço Morte Viva. O paciente, impaciente, foi submetido a uma proctocirurgia incisiva, para que, segundo o diagnóstico médico, pudesse morrer satisfeito.

Há tempo o doutor Tititi fora incumbido pelo vice-prefeito de descobrir a causa dos suicídios.

O comerciante Arnaldo Treme-Treme procurou o vice-prefeito para informá-lo que precisava morrer e poderia ajudar o médico no prosseguimento de suas pesquisas.

“O que a vida insiste em nos apresentar de sublimidade só pode ser adequadamente percebido na morte”, disse Treme-Treme, na tentativa de convencer o vice a uma atitude que qualificou de sublime, como a tomada pelo prefeito.

“Não posso me valer desses valores imbecis que de uns tempos para cá estão levando nossos conterrâneos à morte”,

retrucou o vice-prefeito, em um acesso de estapafúrdia lucidez, para os dali, porque sabia estar se posicionando contra o pensamento da maioria, mas que tendia ser minoria com a seqüência das mortes.

“O senhor ainda é muito preconceituoso e tem medo de expor sua opinião ao público”.

Os dois se perderam em diálogos inúteis por mais de uma hora. Nenhum convenceu o outro, a não ser de que, para cada qual, sua própria posição era a correta. Só após perceberem a ineficácia da palração, Treme-Treme descobriu que precisava ainda arrumar um monte de bagulho para preparar a morte. Foi para casa, não almoçou, e dormiu até as 18 horas. Acordou e deu um tiro no próprio ouvido.

O enterro, marcado para o outro dia às 9 horas, coincidiu com os saques dos armazéns do morto, como represália de um grupo denominado Movimento dos Sem Terra, que não comungava com a idéia dos suicídios, porque não tinha nem onde cair morto.

A polícia que o vice mandou contra os saqueadores não conseguiu conter a invasão e piorou as coisas, porque o enterro virou um tumulto. Houve quem disse que viu o morto retorcendo a cara com aquela esculhambação. Passado o tumulto, o vice-prefeito se lembrava do diálogo anterior à morte, quando Treme-Treme discursava contra a importância dada às coisas terrenas. Quase se convenceu de que a morte era necessária, mas voltou atrás ao analisar que aquilo só poderia ser o tão propalado limite entre

loucura e lucidez. Foi quando percebeu os mistérios da encarnação e porque Mortídio se encontrava daquele jeito, meio lá, meio cá.

Sem ligar importância a nada, Mortídio se pôs de quarentena, trancado em sua casa, onde a cada dia tentava reconstituir as mortes daquele tempo dos suicídios. Pintou as portas e janelas da casa de vermelho, como eram coloridos os caixões dos defuntos, vestia-se de branco e esperava, toda meia-noite, com uma faca na mão, a passagem da procissão das almas, que se tornou tradicional com o advento dos tempos suicidas. Quando elas se aproximavam da casa, rumo ao cemitério, com cantos e matraqueados, ele fazia três Pelo Sinal, se jogava ao chão, enfiava a faca no portal e alucinado via a ressurreição de todos os suicidas, numa verdadeira folia. Eles passeavam por sua casa, faziam festa e até bacanais. Essa passagem ficava bem marcada porque o homossexual, em primeiro plano, aparecia se oferecendo ao senhor Fontes, que em um acesso de saudade da esposa acabava possuindo o boiola.

Insistentemente convidado por Mortídio Putrefacto, o vice relutou até o dia em que ficou sabendo das relações sexuais. Cedeu. Pretendia desmoralizar seu companheiro de coligação, mas adversário de legenda. Iria, entretanto, se armado de sua máquina fotográfica. À meia-noite, pôde acompanhar, inclusive fotografando, todos os detalhes daquela furupa.

Perto do fim da quaresma, o prefeito, depois de muitas reuniões com seu secretariado suicida, pois já havia formado um governo provisório, e paralelo, resolveu tomar providências. Ele

não tolerava mais a descompostura do vice-prefeito, que o fotografava com o mísero intuito de prejudicá-lo politicamente.

O prefeito tomou emprestado o revólver semicarregado de Arnaldo Treme-Treme e se preparou. Quando percebeu a câmara fotográfica apontada para ele, incontinentemente mirou o revólver, estabelecendo com um vice um ríspido diálogo, algo assim como “fotografa que eu te mato, imbecil”. Instalou-se um total desgoverno e criou-se uma confusão do outro mundo, quando o vice-prefeito apossou-se da faca da Mortídio e partiu para a briga, gritando que hoje ali a casa cairia e essa diferença política teria um ponto final.

“Quando passamos de uma certa idade, a alma da criança que fomos e a alma dos mortos de quem saímos vêm jogar-nos às mãos cheias as suas riquezas e os seus maus fados, pretendendo cooperar nos novos sentimentos que experimentamos e nos quais, apagando-lhes a antiga efígie, os refundimos numa criação original”

Proust (1871-1922),

A Prisioneira.

AS TRÊS SANTAS

Tinham parte com os santos aquelas três velhas. Criadas à moda dos ancestrais, onde a rigidez dos costumes era corrente, elas se viam hoje, em sua redoma, volteadas por uma modernidade impiedosa. Lalu, Neuce e Kelka, apelidos de infância de Leonice, Maria Eunice e Angélica, surrupiavam do cotidiano de agora a força que as movia para aguentar osso sobre osso e ínfimos músculos sobre pelancas que as enfeitavam, se se pode dizer que aquilo era enfeite.

Zanzavam dentro daquela casa, um típico museu da solidão, e a rua só era apreciada pela pequeniníssima largura da janela, quando aberta raras vezes ao dia, único e aparente divertimento das beatas. Os métodos atávicos continuavam resistindo na vida delas com mais sofreguidão e muito mais

critérios ainda, de forma que não usavam relógio, apesar de conhecerem esse apetrecho e terem aprendido sobre esse mecanismo do tempo quando frequentaram a escola. Não se interessavam mais pelo tempo. Não escutavam rádio e quase ninguém mais que as pudesse atrapalhar. Pela casa só se ouviam ladainhas, rezas e os barulhos quase inaudíveis dos murmúrios próprios da idade. Ares lúgubres, misteriosos e divinos se misturavam com o vaivém daquelas três almas.

Rezavam e rezavam, rezavam muito não se sabe especificamente com que motivo, pois que eram cordeiros de Deus, mesmo que, agora, sem séquito. Todos os meninos e meninas hoje com seus 40, 50 ou 60 anos de idade passaram pelo catecismo delas, pelos ensinamentos de como proceder para Deus e desproceder para o diabo, até se consagrarem para a primeira hóstia transformada no corpo de Jesus Cristo, o filho de Deus. Baluartes da fé, regeneraram capetas.

A porta da casa só se abria para receber o adjutório de um jovem, que o padre elegeu para cuidar delas, e para uma ou outra visita do próprio padre, do médico e de uma ou outra beata como elas. O rapaz fazia a feira e comprava remédios. Entregava tudo direitinho e remoía um desejo recôndito e descabido, que nem em sonho imaginava realizar.

Soube-se certo dia que os murmúrios e às vezes frêmitos eram fruto de um desejo que certa feita deixaram escapar a alguém, com lamentos de nunca o terem realizado. A vida toda, pelo menos

a parte onde a idade mais permitia, passaram pensando e desejando se casar e até apareceram muitos pretendentes que um a um foram rechaçados pela intolerância da mãe.

Quando casou Doquinha de Nena, casamento de muito trique-trique, o moço de São Paulo, cidade grande, que acompanhou o noivo até lá, se engraçou de se casar com Lalu. Mas qual o quê, a mãe não consentiu, botou fé não, dizia que era homem mal acostumado com as bramuras da cidade grande e, ainda por cima, não se conhecia nada dele. Não adiantavam as argumentações da moda de que era um homem distinto, “num tava vendo o jeito dele?”, boa praça, cordial e demonstrava ter do que viver e dar de viver a uma família. Consigo pensava naquele partidão, mas não teve jeito, a mãe não quis, como fez questão de dispensar vários outros pretendentes de Lalu, Neuce e Kelka.

As moças imploraram de novena para vários santos, pras onze mil virgens, e em especial pra Santo Antônio, por suas partes com a adjutoração matrimonial. Fizeram simpatias de escrever o nome dos pretendentes na sola do pé, de cortar uma banana em cruz, fazendo uma determinada oração e dando uma parte ao santo e até de coar café no pano da calçola. Que Deus haveria de perdoar se isso fosse pecado, sabiam de antemão perdoadas, porque isso nunca fora empecilho para a comunhão com Jesus.

Estavam ali agora as três afastadas, quase esquecidas, a testemunhar as agruras da longevidade, ainda mais nesse mundo de hoje, cheio de novidade e de nove horas. Fosse porque fosse e as

paredes se definhando, a casa à súplica de reformas, de massa, tijolo e tinta, as pelancas do corpo mais pelancudas e flácidas e enrugadas e enferrujadas.

- Nunca soube o que é um homem de verdade.

Num átimo de descompasso, Lulu nem se pegou falando sobre essas coisas íntimas, só se dando conta quando Neuce a repreendeu.

- Qual o quê Lulu, ficou doida, foi?

Na verdade, sem poder se expressar, essa era uma doidura que também atacava Neuce e ela mais não disse, se remoendo em seus pensamentos lá dentro dela, no mais íntimo, para não ser repreendida por Kelka, que a tudo ouvia e só pensava. Remoer na cabeça as peripécias da imaginação libidinosa que perspassava quando recebia proposta de casamento.

Vida que segue e o marasmo octogenário era cúmplice na ociosidade que as impelia a repassar a juventude tim tim por tim tim no filme do pensamento, imprimindo câmara lenta às passagens onde os pretendentes as cobiçavam para respeitadas esposas. Imaginavam, entremeio, o furor abrasivo da carne se consumindo em prazeres e num átimo escapava um suspiro entrecortado por ares lascivos e reclamos murmurantes. Uma e outra volta e meia eram apanhadas nesses sobressaltos que elas mesmas relevavam entre si, entre certos disfarces, no entanto conscientes do bem que as fazia aqueles oásis na sofreguidão.

A languidez daqueles dias foi acordada por diferentes batidas na porta, então aberta a dois velhotes impecavelmente bem vestidos, que dali saíam com Lulu e Neuce, de braços dados, rumo à igreja. Atordoadas de felicidade, as duas reencontraram antigas paixões, que sobreviveram à leva de pretendentes e os dois entre si previamente combinaram a solenidade com cortejo, banda de música e foguetório. Iam impávidas e altaneiras, agarradas aos sonhos, ante os olhares atônitos da cidade.

Raimundo e todo mundo ajudavam a suprir as surpresas. Kelka não foi, não foi ungida. Preferiu ficar em casa, alegando coisas lá dela, dificuldades assim e assadas. A cidade foi tomada pelo alvoroço, enquanto Lulu e Neuce sonhavam altaneiras, no altar, no alto, aos pés do altíssimo. Nesse mesmo instante, Kelka também se entregava ao altíssimo, à sua maneira, lençóis amarrados ao pescoço e dependurada no caibro do telhado do seu quarto.

A TOCHA DE FOGO DO PADRE

Esse caso se sucedeu quando eu ainda engatinhava nas fraldas, bebéu de tudo, menino sem consciência das coisas. De tanto ouvir falação, acabei me interessando, porque, quando fui crescendo, também começou em mim uma futricação por causa das meninas e só aí é que pude entender por que se fazia tanto enredo.

Nos cafundós do sertão da Bahia, vivia Poloia Garajão, conhecida como “Loia Rabo de Fogo”, fazendo fuzuê por onde passava. Sua mãe, Dona Elpida “Boca Roxa”, tinha mais seis, três homens e três fêmeas, do afamado garanhão Coriolano Garajão, distinguido também como “ Coronel Bimba Bem”, que naquela altura da vida só não experimentou e não viu o que a treta não permitiu. Botou casa para muitas e uma venda misturada com um açougue, pesava carne, passava o troco e surrupiava de quando em

vez. Mas trabalhou, progrediu, constituiu várias famílias, sempre mansas da tranquilidade sertaneja e lépidas nas horas da lambança de qualquer qualidade. Como a carne é fraca, faliu e morreu. Não sem antes deixar no mundo, até onde se pôde contar, umas mais de 60 crias das famílias Garajão.

– Um taquim de carne aí, Seo Coriolano.

Pesava quatrocentos e cinquenta gramas e cobrava quinhentos. Mão-de-seda, jiló do mato, treta chegou aí e pimba, esqueceu-se da andança.

– Num falei?

E o pobre sempre reclamando de não ter condições, essa vida do jeito que vai, num sei não. Carne já não se come. A fartura daqueles tempos, necas!

Poloia Garajão era a filha mais velha de Dona Boca Roxa. Filha a bem da verdade não é o correto. No princípio, na nascença da barriga para fora, era menino comprovado e atestado por todos dali, inclusive a parteira, Sá Inaça, que diziam só pegava mulher fêmea, pois na hora da parição deixava o bebéu cair e os documentos se partiam. Mas nesse caso não houve queda, nem anormalidade de parto, o bichinho era homem feito, saco roxo, retado.

Aí não houve sugestão de cegonha aparecer levando menino de acordo com o querer dos pais, isso lá já era “caso pra boi dormir”. Menino traquino e saliente de nossa quadra se fiava nisso

não. Seguia que o pimpolho crescia ladino, matreiro e com umas baitas futricações pros lados das meninhas com as quais brincava. Era um tal de brincar de casinha, de painho e mainha e taca pegação nos berimbelos uns dos outros. Saliença pura, puríssima! Coisa de gente grande ficar de boca aberta e puritana fazer benzeção de imoralidade, padre nosso...Virge Maria.

– Chega de atentação, menino. Gritava Seo Pedrinho da farmácia, função de médico do lugar, que esse Poloio Garajão, filho de Coriolano, já está ficando grandinho e num pára de malinar nesses remédios. Sossega, troço. Todo santo dia é um vidro que vai-se embora. Desse jeito não sei onde vou parar. Não há cristão que aguente!

E a danada da úlcera não parava de judiá-lo. Quando chegava de noite, depois da janta, era uma inquietação sem tamanho.

– Desse jeito essa bicha me leva qualquer dia.

– Mata nada Pedrinho, tenha fé em Deus, home. Respondia Dona Sinha, preocupada, de cabelo branco.

Era calma e pacata, cidade do interior. Entretanto, lá pras bandas do terreno do Padre, morro acima, distante vários quilômetros da cidade, alumiaava todo dia um foguinho misterioso. Toda cidade comentava sobre a existência desse foguinho encabulador. Uns diziam ser ouro enterrado, outros que era livuzia, mas todos o conheciam como a tocha de fogo do Padre. Situado no

terreno da Paróquia, na verdade do Padre - ele não era taioba -, enchia de preocupação e de curiosidade todo o povo.

Certa parte dizia que foi quando da existência de um Bispo muito rico naquelas bandas, depois da garimpagem e do bambúrrio, construiu ali uma capelinha, viveu com muita fartura, enterrou o ouro e depois foi lá para a terra dos pés juntos. Bateu a caçuleta. Esse Bispo, segundo contavam, era muito misterioso, como misteriosa era a tocha de fogo, e o único vivente por aqueles lados que conheceu o tal Bispo foi Coriolano que, por cima e por baixo, puxou muita bateia pro mesmo. Depois, para não fugir à regra, seu filho mais novo com Elpida, o Bianco Garajão, encambetou mais o Padre por tudo quanto é lado, de desobriga a comunhão de enfermo.

Batuta. De noite, quando formavam as rodinhas de gente em frente das casas para pilheriar os casos, as histórias e até a vida alheia, costumavam, como sem falta, dar um minutinho para a decorrência da aparição do foguinho que brotava lá no terreno do Padre. Ficava em uma posição amplamente visível em todo o lugar da cidade, que se situava em um vale, e dava visão a todas as partes dos morros que a cercavam. Aí se fixava o foguinho, que mais parecia uma estrela caída, fincada no chão.

Interessante é que todo mundo notava o tal foguinho quando era de noite. Mas quando amanhecia, batiam em procuração do ouro enterrado e necas de encontrá-lo. Lugar bonito e esquisito ao mesmo tempo, sem latomia aparente capaz de provocar fogo de espécie alguma. Um trem de deixar a gente encafifada.

– Nós é que somos muito manés da égua, viu menino. Onde já se viu tamanha gatimônia? Isso até mais parece coisa feita, trabalho aprumado, num sabe? Essas gentes de outras credices são lá de gostar muito de padre não.

Esse, um dos argumentos de Tônico de Mestre Alvino, quando dava principiação nos comentários das rodadinhas noturnas. Cada dia ele se fixava num argumento diferente.

– Ochente, Seo Tônico – assegurava João de Seo Té, falando sem embolotar a língua -, vai ver que lá tem é ouro mesmo e nós ficamos feito bobos cavoucando e não damos encontro de nada. Serviço bem feito. Medo do Bispo de ser roubado e sofrer injúrias das línguas do povoado.

Uns falavam de um jeito, outros, de outro; apareciam numa noite mais de dez casos divergentes, cada qual com uma versão mais apetrechada de detalhes e com todos os floreios para dar ênfase às falas, onde uns queriam, sempre com um detalhe a mais, enriquecer os comentários.

Outro dia, apareceram lá com uma conversa meio boba, na opinião de Seo Astrogildo.

– Dou fiança nisso o quê! Conversa fiada. Onde já se viu uma tochinha de fogo como essa fazer homem virar mulher?

– Mas dizem que é verdade, Seo Astrogildo. Saíram com essa conversa ontem lá na porta da casa de Gil de Ambrosão e deram fiança de um acontecido lá pros eitos do Capão de Sulina

Doce. Eu confesso que não quis acreditar, mas o filho de Deus que falou tava com cara de quem é homem sério que a gente num dá pra desconfiar, não.

– Conversa mole, meu filho. Por que nenhum de nós nunca virou fêmea?

– Vai que nós vamos lá numa hora sem importância, imprópria, hora de sol em pé. O dizer do homem é que só vale no ato, na hora do fogo à noite, quando o trem tá arribado, de pavio aceso.

Daquele dia em diante as conversas nas rodinhas começaram a pegar fogo, um fogo diferente do da tocha. Numa banda ficavam os que davam crédito àquela conversa surgida outro dia, noutra os que não davam ligança ao papo de mudança de sexo. Poloio era desse último partido. Ferrenho defensor das falações de Seo Astrogildo.

– Isso lá tem é ouro enterrado que Bispo desconfiado e apegado com Deus tem poder que vivente num imagina. Vê lá que é Deus guardando com aquelas rodinhas de fogo, igual tá nas cabeças dos santos, dos anjos e dos arcanjos.

A conversa, nesse momento, já descambava para os rumos da religião e cada qual protestava e apresentava um sem fim de argumentos bíblicos. Difícil destacar quem estava com a razão.

– Deus não mandou seus fiéis desconfiarem de cristão ser vivente nenhum e vocês estão contra a Sua lei. Num é que

desconfiam de um Bispo que tem parte com os Santos e com Deus Nossinhô Jesus Cristo, além de num dar fiança a um homem bom, conhecido e amigo que nunca andou com treta pra cima de ninguém?

– Isso é lá desconfiança não, mode São Tomé tomem desconfiou. Nóis é humano e humano é pecador.

Reiterava um matuto da ala conservadora. Daí para a frente, era um bate e rebate longo e dotado de todas as peripécias da criatividade e da instrução empírica do interiorano. Com um pouco de desconfiança, é claro, que ninguém é bidu para saber adivinhação das coisas. O que mais marcava eram a leveza e a certeza com que cada qual abordava seus argumentos, fazendo-os verdadeiros, corretos e insubstituíveis.

Certo dia, sol já derreando horizonte adentro, Poloio Garajão cismou da mão para desvendar esse mistério encafifado que encabulava todo mundo e causava grandes e polêmicas discussões. Saiu à procura da tal tocha de fogo do Padre. Como o caminho era longo, ia se divertindo pela estrada com as cantigas de grilos e pássaros e se assustando com a corrida dos calangos, entre as folhas do chão, já que confundia, com o pensamento nas cobras. Naquelas alturas se se encontrasse com uma de famíliação perigosa, bicho peçonhento deveras, não seria recomendável. Se o picasse, estaria longe de recursos, que Varelão Rezador era muito difícil de se topar e só ele dava volta nesse compromisso com mordida de cobra.

Rapaz corajoso, como ele, não era de ter medo de andar no mato àquela hora, nem de lobisomem e muito menos de assombração. Mesmo porque tinha consigo o que seu pai sempre lhe dizia:

– Meu filho, neste mundo tenha medo somente dos vivos, porque os mortos já deram sumiço pra debaixo da terra, num tem mais atenção neste mundo dos viventes de meu Deus.

Assim seguia, com a coragem que o pai lhe deu e o assanhamento peculiar dos Garajão. Ia andando sempre de pensamento firme no mistério da tocha de fogo do Padre. Chegou devagar e um pouco sobressaltado com aquela maravilha que iluminava a mata ao seu redor. Foi encostando passo a passo e sentiu sorratamente o crepitar de um breve chamamento, além de uma inusitada sensação de bem-estar. Sem pensar duas vezes, mergulhou na tocha até o lado oposto. Ela não o queimou, apenas mudou-lhe o sexo.

Houve o maior reboliço, que cidade do interior é lugar de muito fuxico e falatório. Todos conhecem a vida de todos. O boato corre de boca em boca. Todo povo contou esta estória e conta ainda hoje. Poloia Garajão, como ficou de acordo o nome, virou uma mulher futriqueira e assanhada. Parição era todo ano. Ensinou lutramento a muito menininho na flor da mocidade, pois tinha tarimba para o serviço e a freguesia sempre aumentava. Montou casa, ficou famosa e, naquela região, não havia macho que não quisesse experimentar as amabilidades daquele homem que virou

mulher. Além do mais, buscavam as delícias do gostinho de fogo que diziam existir dentro dela.

A LÁGRIMA DO PASSARINHO

Esparava dias num cotidiano bestial Drummondiano na querida Vila Bela, que da denominação se percebia ficava a marca da paixão dos conterrâneos. Esse sentimento de raiz que, mesmo em chão chulo, prospera e invade avassalando. Vivia daqui pra ali e de lá pra cá, contando as horas do sol e do céu e olhando pra cima com a esperança de que haveria fartura no patamar superior, onde os olhos não alcançavam, mas a necessidade intuía e ajeitava sua preponderância.

Compensava a destreza com as chumbeiras no ofício de derribar lambus e jacus, codornas e pombas. Surtia o alforje volta e meia com essas penosinhas que abundavam as cercanias e faziam a festa das tripas dos meninos. Era a garantia proteica para mais alguns centímetros de altura, a solidez dos músculos e o enchimento das pelancas.

Quando acordava, sonhava com uma cartucheira, espingarda boa, da que um dia vira pondo fogo pelas mãos de Seo Belisário. Só ele ali podia possuir uma daquela. Da flobé, de bala, arma granfina, já ouvira falar, pelos causos, de caçador "dicretado" que matava bicho grande. Quem dera possuir uma dessas! Esse assunto, entretanto, não aparecia em em sonho.

Caçador por natureza, ofício de pai pra filho, Bastião Perdigueiro não enjeitava convite pra se enfronhar nos matos e garantir a janta da casa. Era difícil falhar nessa empreitada de caçar de manhã o que comer de tarde. Dia havia em que até a mulher destinava fazer pedido, escolhendo que queria comer umas codornas. Ia e cumpria a incumbência, porque sabia de todas as manhas na espreita desses bichos. Parecia conhecer as moitas das codornas e ia de espingarda armada e tiro certo. Era "pá e queda" e a coitada açoitada embornal adentro.

De noite ia comer frito de codorna sob a sincrônica algaravia luminosa dos vaga-lumes e festejar a pujança do escuro serpenteado de luzezinhas intermitentes. O sol do dia seguinte era a clara certeza de que a vida recomeçava sempre de forma simples, mesmo na árdua concretude telúrica daquela amplidão de necessidades.

Era assim até o progresso descobrir os ermos e pegar empréstimo fajuto do governo, comprar e invadir terras para fazer reflorestamento e imensidões de roças de soja. Tratores engoliam paus, terra e vidas e, outras máquinas, o restante dos bichos. Até

que a força da natureza menos e os fartos lucros financeiros mais os expulsaram de lá, deixando um grande rastro de destruição. Muitos dos que se aventuraram nessa empreitada, como Bastião Perdigueiro, se depararam agora com o mesmo "sem que fazer" de antes e tiveram de se readaptar à mesmice de outrora.

Só que agora os dali estavam a descoberto, foram expostos ao mundo em sua fragilidade e inocência, pelas veias abertas nos caminhos sertão afora e os toques e bips da tecnologia sertão adentro. A fartura de antes, onde comiam dez bocas numa casa, minguaava aos açoites famélicos de uma vida lagartixa. Bastião, no entanto, contava agora com o progresso da cartucheira, transformando sonho em realidade. Voltou a lubrificar o dedo, engatilhando passarinhos, que eram o mantimento.

Saiu naquela tarde a espreitar a janta que voava entre moitas e galhos e era esperada com sofreguidão por uma renca de filhos choramingantes. Dava volta ao cansaço da espera e espreitava experiência na lida. Entrou mato e furou espinho, com a arma em apuros e a alma engatilhada na direção de um passarinho que saltitava nos ventos e galhos à frente. Não mediu nada, nem paixão, nem compaixão para açoitar chumbo. Era a primeira caça do dia. De repente, o sol se pôs atrás de uma nuvem, o vento parou de soprar, o mato escureceu e o passarinho caiu no chão à frente sem trinado, sem trilo e sem gorgeio. Apenas um grito sôfrego pareceu soar aos ouvidos do mato. Bastião até tremeu ao pegar o

passarinho e sentir naquele grito um desesperado e infrutífero pedido de socorro.

Uma lágrima trilhou gravetos e lambeu folhas secas. Bastião também ficara passarinho, agora muito mais sem arma, agora muito mais com alma.

CAMBADA

Mais das vezes descambaram o ladeirão, destemendo as peçonhas avistadas aos magotes no aceiro desregrado que tinham por serventia de caminho. Foliavam, brincavam, bebericavam pro mode farra que havia do outro lado do rego enfronhado nos derradeiros piques do terreno do pai de todos dali, donde as vistas davam, pra lá da fazenda de Nhô Virgílio.

Fosse no breu, no clarão do sol, na saliência da lua cheia, não se aturdiam a dali retirar o passo, porque solenizavam o conforto da amizade e coragem se apresentava demais para enfrentar qualquer espécie de bicho, assombração, livuzias e outras bizzarrias que, costume mesmo era só o das falações e loas. Diziam que davam destino por ali, fiadas nos causos. De gosto, é ver o de Lilico. Retirado consigo, estrumbicava enfiar a cara no ermo, sem lua, sem nada, de noitão, um escuridéu medonho, cantarolando a música do mundéu, que Sá Elisa ensinou. Um divertimento para ele.

Vida dividida com o sossego, a pasmaceira cotidiana de enfronhar causos e potocas e a labuta de uns gadinhos, plantando subsistência. Fosse como fosse, o mundo se resumia naquilo: abrir os olhos cedinho com o canto dos pássaros, tendo as precatas a expiar o peso e vai um passo e outro mais e o café coado, o leite tirado; semeia a esperança e ela é a alvíssara de tudo; de tudo um pouco, chafurdado naquele oco, o mundo olvida o tempo e nem mais se percebe a bramuda do sol assaz assando e rachando a pele e o pó; o dia se martiriza no deleite das moscas e no açoite de vidas vagarosas, vagas e vadias.

Único filho de Seo Gregório, viúvo de há muito, Lilico, humano, solidário e fraternal, como os dali, se acostumara àquela mesmice, com seu delicioso marasmo, e se fartava em labutar com o pai, solucionando as lamúrias dos pobres, como se fosse o administrador do céu. Viv'alma doutros meios raramente demonstrava presença naquele veio de pachorra, para se ater com a indolência daquelas gentes.

As fêmeas, era despacho delas, tinham boa serventia nas lides da cozinha adentro. E é de hoje que eles viviam nesse refrigério de nunca assuntar pra danação de um nada, que os estorvos passavam dali afora e nem beiravam. Eram só de notícia. Salustiana do Finado Ambrosão era exemplo de mulher vivente da solidão, lá com seus meninos e provando o que se dizia dali. Trabalhadora de primeira, ia apanhar o que beber sozinha no ermo, botava os pés volta e meia no traçado, pote no quengo. E nadinha

de nada acontecia de prejudicar. Os chinelos, chilep, chilep, chilep, chilep. O pote n'água, tchibungo, tchibungo. E chilep, chilep, chilep, chilep, a caneca chap e gut, gut, gut e gut, para matar a sede.

Assuntou-se muito ali bebéu de Salustiana no esquipado das canelas, pra lá e pra cá, na serventia de positivo de Nhô Virgílio e outros assentados de perto. Chafurdado naquelas brenhas de mato topado, Lilico vigiou de um tudo que se arremedava por ali: menino estilingando passarinho, arrotador de leréias, quenga xumbrega de vai com todos, arranca-rabo na feira, perlenga de futebol, intrujice de doido, sapituca de casal, festança de latada, sugesta da grossa dos nego véio e muito furdunço.

Dizer deveras dos acontecidos ali, um tantinho assim acreditar que prescindia coragem, mas o povo se fartava em dignidade e humildade no despacho pro serviço qualquer que fosse. Há os causos, as potocas, as pilhérias, os arremetidos de outros tipos de folia, mas com firmeza na língua pra expulsar uma lorota não aparecia despachante. Lilico era dos que só dizia o que assuntava para não contrariar seu tino de pessoa honesta e complacente. Pois, esses dias, matutou namoro de Zefa de Cumpadre Vitalmiro com Nando de Nil, ali, assim, como coisa que nada queriam, querendo. Não era de bater boca de mexerico, coisa e tal, isso e aquilo e aquil'outro. A disgrama é que a gente matuta fica desengraçada quando topa essa labuta, inda mais de chofre, sem tempo de advertir o olho. Certo é que vige um arremedo ou outro dessas simplicidades, nada mais e o povo convive.

Seo Gregório lá vai apanhar leite pra dar de beber aos pobres. Era de seu tino. Embrenha-se no eito ainda de manhãzinha, caldeirão do lado, apetrechos e disposição. Todo santo dia lidava naquele repuxo de apanhar leite pra enganar a fome do desmilinguido, que ali não faltava. Compromisso com seus santos. Seo Gregório, boníssimo, nunca vendia um naco sequer do leite que tirava. Naquelas condições, já velho, vamos que Deus diligenciou a bença e ele está ali de pé, enfincado, altaneiro, vivaz, astuto na lide com o gadinho. Tem até hoje é dezenas de marmanjos criados à custa desse leite. Um lote deles nem a bença pede mais, uns por vergonha, mas todos reconhecem.

Naquela fortaleza toda, possa ser que tenha Seo Gregório realmente compromisso deveras com as divindades. Era elogiado e até paparicado com a ascendência natural pela benevolência, pelo recato e sinceridade. Dono de terras, não carecia de materialidades. Até pouso aos passantes ele dava, na intenção pura de fazer o bem sem olhar a quem.

Novidade era tudo o que fugia aos conformes do meio e o povo na curiosidade matreira apreciava, botava gosto, acatava sem lamúria; um amor de recepção, hospitalidade natural assim. Os três chegantes, moços de boa aparência, civilizados, até não se davam

conta de tantos apetrechos hospitaleiros. Perguntaram por pouso e seguiram no carro para o quase albergue de Seo Gregório. Lilico os recebeu com o maior agrado e durante cerca de uma semana comida não faltou e entusiasmo também nas andanças de mostrar terra aos compradores.

Pois para o nosso anseio a lide não apoquentou, ao contrário, já que se vive sojigando.

Cambada de infitecos! Gente estrupiada de uma figa, nojenta, diaba; não se aguenta esse estorvo, pessoal. "Ave, credo!", gritavam. Os três andando com a desgraça nas mãos, na cabeça, no coração, no fígado e no corpo todo. "Ai, meu Jesus", suspirou Salustiana do Finado Ambrosão, quando aprontou-se no rumo corriqueiro da fonte, naquela manhã. Nos destroços via-se o filme macabro daqueles filhos de uma ruindade, cacouvando com a suvela do capeta os mais pios lumes daquela humanidade dali. Esperaram Lilico se agasalhar após o bucólico passeio da noite e se aproximaram vermes sorrateiros, de madrugada, enfiando covardia nos animais, nos pertences e na gente. Seo Gregório e Lilico ficaram espatifados no chão.

Diligências, corre-corre, providências, todos acudindo, uns passando mal, um reboliço escatológico...

Assombração mesmo, de todo acordo, a mais esquisita e estrupiada, começava com a gana trazida pelo homem civilizado,

peçonhento. Sermos de nossa crença e nossa gente unida aqui no ermo, nada de ruim semear nosso caminho.

TRAJANO

A cidade estava virada num reboiço. Rumores andando de boca em boca como era costume alastrar o fuxico, indicativo de muita surdina e esmerado desdém, que até o ar se impregnava de ironias. Todos se perguntavam e ninguém entendia, entre o alvoroço, a correria e o disse-me-disse: "Cê viu?, Cê viu?, Cê viu?"

Trajano vivia, se viver é bem o termo, noites de martírio na cama, sem encontrar posição, num vai-e-vem infindo, matutando rumos. O casamento de dois anos com Bela Flor Pura se sustentava na resignação, na paciência e na esperança dela.

Lá, nessa época, nove meses após o casamento, era tempo suficiente para uma resposta advinda do bucho de qualquer fêmea.

O enlace ali já ia na conta de uns pouquíssimos cujas mulheres eram consideradas fracas, mocotós grossos, ruins de reprodução.

Nas rodas de bate-papo, volta e meia surgia o assunto e os conselheiros matrimoniais de plantão mais experientes sustentavam a necessidade de o casal ter filhos. Trajano tomava a frente nessas conversas, para dizer que estava providenciando, que não se apoquentassem, o caso era que Bela assumia uns probleminhas. Mal sabia que precisava sair dali "de fasto", porque as línguas destrambelhavam:

- Esse aí deu azar! Dá nisso um cabra macho arretado casar com mulher fraca.

Na surdina, Trajano empenhou-se com curandeiros, mais remédios de farmácia e de médico, tudo longe dali, pra não dar na vista. Na hora agá, pifava. Bela Flor degradingolava-se em estrupícios e infortúnios para a vida dele.

- O que eu faço, meu Deus! -, pensava Trajano, suspirando e se remoendo em aflição.

Bela ávida e Trajano pelejando, afora caldos, mezinhas, raizadas e tutanos. Xamegos e esfregas, beijos, bicotas e xenhenhens, três, quatro, cinco vezes ao dia. Na rua, ele se gabava da quantidade: "Cinco por dia". No fundo, sabia, eram apenas tentativas.

Mas tinha fama com animais, jumentas e éguas. Os que iam com ele ao mato atestavam suas vantagens e incríveis façanhas

libidinosas. Sua fama crescia e com ela a destreza pro futricamento animalesco. Onde tinha uma jumenta cevada e desapetrechada dos olhos do dono, lá estava ele como o primeiro da turma.

Tentou o tiro de misericórdia na consulta que fez na surdina a Seo Arman D'Ervas Mutretas, rezador mistificado do Brejo dos Aflitos, que ensinou-lhe uma simpatia assim: "Vai lá, meu fio, lasca pimenta no cu da jega e em seguida molhe a cabeça dela com um litro da gasosa fabricada por Paulo Gasoseiro e faça uma oração, dizendo três vezes: 'com doença, Deus me põe bença, me tira esse estrupício, que só mulher me convença'. Mas num volte a mexer nunca mais com animal nenhum, tá bom meu fio?"

Passou algum tempo e os colegas de zooerastia desconfiaram da repentina decisão de Trajano de, mesmo casado, abandonar as empreitadas fornicantes pasto adentro.

- Tá caseiro, heim Trajano. Tem jumenta reclamando lá na manga de Jaime.

Trajano arrumava uma pilhéria qualquer e despistava com uma chacota.

Naquela noite, no entanto, após mais uma tentativa em que se desmanchou em afagos e carícias, apelando até para um recurso nada machista conhecido como "ligação direta", Bela Flor Pura se desesperou. A moça saiu correndo nua pela rua e gritando: "Eu não aguento, não aguento mais.

- Cê viu?

DE TODO CORAÇÃO

O governo estremeceu em polvorosa e pavores, quando os militares tomaram o poder à força e iniciaram investidas contra os rebeldes governos democraticamente eleitos. Abastecidos por boatos e mexericos, secretários, auxiliares e correligionários do governo de Goiás se debatiam atordoados entre o vai-e-vem sem fim de propostas mirabolantes, com uma nesguinha de sentimento de resistência, ante o que todos sabiam seria impossível diante da força militar, que segundo o disse-me-disse já estava a caminho.

O general do Exército, Atroanes Belermenés, tomou de assalto o Palácio do Governo, depôs, mas procurava não se indispor. Mineiro e de boa família, bem casado e pai de quatro filhos, três dos quais goianos de nascimento, se dispusera à tarefa por ter morado muitos anos no Estado.

Na parada cívica, destacado para encerrar os discursos, o general interventor Atroanes, ao final de sua fala, bradou aos cinco ventos, um dos quais o dele mesmo:

- Sou mineiro de nascimento, mas goiano de coração!

Na madrugada do dia seguinte, para regozijo dos opositoristas depostos, o general amanheceu morto e o laudo cadavérico acusou parada cardíaca.

O SUSTO DO PÉ-DE-GARRAFA

Ali ninguém gostava de pilheriar sabença do povo da roça, mas Vera Coco fazia ouvidos moucos aos ensinamentos. O moço não se apoquentava, apesar de já ter ouvido muitos casos a respeito de tudo quanto é maledicência e latomias deste e de outros mundos.

Esse negócio de livuzia, de pé-de-garrafa, de pé-de-vento, de lobisomem, disso e daquilo, para ele era tudo imaginação de gente medrosa.

Desfeitava quando ouvia casos de livuzia. Apreciava, no entanto, quando nas rodadas dos amigos ouvia o acontecido com Seo João de Margarida, homem distinto na cidade. Inclinações as mais bonitas possíveis, nunca fazia mal a viv'alma deste mundo e já tinha pra mais de trezentos afilhados, resultado da benquerência.

Certa feita, adoeceu. De noitinha começava a botar sangue pelo nariz e seguia noite adentro com essa desgraceira. Não havia com o que estancar. Já fazia bem um mês que vinha com aquilo. Acudir, ele acudiu com farmacêutico e remédios. Quando chegou Sonrisal por lá, recomendaram. O homem colocou um tablete na boca e o troço engastalhou na goela, que foi preciso uma moringa d'água para dissolvê-lo.

Até que chegou o dia em que Dorim Rezador deu sumiço naquela sangueira e Seo João de Margarida se restabeleceu. Dali para a frente nunca mais conseguiu dormir um tiquinho de cochilo. Ficava zanzando a noite toda nas ruas da cidade, com seu camisolão preto, mais parecendo um bicho mal encarado. Uns diziam que era porque Dorim tinha partes com o demo. Outros usavam o exemplo para aumentar a credence.

Mesmo gostando de ouvir o caso, porque conhecia Seo João de Margarida, Vera Coco não se atinava. Esses dias aconteceu um caso com seu amigo Demola Pau de Sebo, mas Vera achava que era invenção, coisa de medroso.

- Coisa do outro mundo o quê? Sou besta não!

Para os dali, Vera Coco era um desarranjado, apesar do esforço, das insistências e advertências de Dona Preta, sua mãe. Rapazote desleixado até não poder mais, vivia sempre com trapulinagens. Além de não consentir conselho, não se apegava nem um pouquinho às coisas sérias. Vivia de pegar passarinho,

roubar galinhas nos quintais alheios, afanar dinheiro dos bêbados, jogar bola e apanhar barriguda pra descambar rio abaixo com sua turma. Era de pouca confiança no meio do povo e ficava enfezado quando sua mãe começava a lenga-lenga de Santo, de Deus, de reza.

- Sossega, véia!, dizia.

Não adiantavam os conselhos por mais que Dona Preta os fazia. Vera Coco estava insensível para os mandados divinos. A satisfação dele era virada para coisas da terra e da malandragem.

Certo domingo, tudo combinado com a turma para pegar barriguda na roça de Ziquiel das Prechedas, que ficava no ponto exato que dava para descambar rio abaixo com as toras da madeira fofa. Aproveitavam também para roubar manga e melancia.

Lá se foi a meninada numa algazarra sem medida. No mato, cada qual procurou seu rumo, uns para um lado e outros para o outro. Cada um procurava arranjar a barriguda melhor, porque quem ficasse com a pior recebia caçoada.

Vera Coco embiricou pro rumo do emaranhado, mata espinhosa e ranhenta. De quando em vez, engarranchava-se numa moita de carrapicho e se furava todo, justificando o esforço por uma boa barriguda. No breu enfurnado da mata quase virgem, os companheiros sumiam da vista. De repente, Vera Coco garrou lembrança das encomendas da mãe e da apoquentação dos amigos.

A lembrança garrou sem soltar e vai que ele se desespera. Bastou chegar ao pé de uma enorme barriguda, um sopro de vento congelou-lhe até os últimos pensamentos. Seu corpo tremia mais que galho novo de pau pereira. Assomou-lhe um medo medonho. Quis gritar e a voz parecia socada pra dentro. O pensamento já não atinava com quase nada e seus olhos eram os espeques do corpo. Olhou para a barriguda e dela saía uma figura estranha, estranhíssima, com uma perna só, o pé redondo, um olho enfincado no meio da testa, mais vermelha que urucum, a boca em cruz jorrando fogo e, no lugar dos braços, havia três espetos afiados e longos que apontavam para ele.

Vera Coco procurou alento, ficou tonto e, se esquecendo de que não tinha medo, conseguiu no âmago um grito desesperado, caiu desmaiado, feito jiló maduro. Quando o pé-de-garrafa se preparava para comê-lo, chegaram os colegas e a latomia soverteu, entrando novamente na árvore de onde havia saído. Luiz de Queno, que chegou primeiro, ainda conseguiu vê-la.

*Alguns contos desta Antologia “Algemas de Algodão” já
classificados em concursos literários:*

- **O QUE É QUE A BANANA TEM?** - 2º lugar nacional no Fesqui / 1987 (Quirinópolis - GO) e Antologia do 3º Concurso de Contos Venerando de Freitas Borges / 1998
- **AS TRÊS SANTAS** - Classificado para a Antologia do IV Concurso de Contos Professor Venerando de Freitas Borges (Goiânia/1999)
- **O HOMEM QUE COMEU O TREM** - VII Antologia Nacional de Contos Alberto Renart (São José dos Campos - SP)
- **A LÁGRIMA DO PASSARINHO** - Antologia V Prêmio BEG de Literatura/1997
- **CONSTRUTOR DE SONHOS** - Classificado para a Antologia do V Concurso de Contos Professor Venerando de Freitas Borges (Goiânia/2000)
- **A TOCHA DE FOGO DO PADRE** - 1º lugar no 12º Concurso Estadual de Contos do Gremi/1980 (Inhumas-GO) e Antologia do IV Prêmio BEG de Literatura/1996
- **CAMBADA** - VII Antologia Nacional de Contos Alberto Renart (São José dos Campos - SP)

• **UM TIRO AZUL NÃO MATA** - 3º colocado no 5º
Concurso Nacional de Contos de São Bernardo do Campo - SP -
Prêmio Graciliano Ramos

• **O SUSTO DO PÉ-DE-GARRAFA** - 2º lugar no 1º
Concurso de Contos da Academia Anapolina de Letras e Artes, em
1981

Obras do Autor. **69 Poesias dos Lençóis e da Carne**, 1983, Produção Independente, em parceria com Gilson Cavalcanti; **É Sassá Canagem** (poemas), 1989, Edições Porranenhuma (xerografada); **Confeção de Poesia**, 1992, Produção Independente; **Lavra de Laivos**, 1994, Produção Independente (xerografada); **História de Correntina**, 1996, Produção Independente; **Monsenhor André – Um Sacerdócio por Correntina**, 1998, Produção Independente (xerografada); **Perfil e Histórias de um Ramo da Família Magalhães** (2000).

(Texto da Contracapa)

Um livro com contos leves, construídos com sorradeira ironia e pitadas de fantasia. Além do intuito de divertir, resgatando humor e amor, **Algemas de Algodão** é a forma mais gostosa de prender com prazer. Bem que poderiam ser algemas de algodão doce, para o doce deleite de quem quer entrar, por conta própria, nessa prisão que encerra um fantástico paraíso do que se vive e do que se sonha.